

A FÉ: UMA ÍNTIMA RELAÇÃO ENTRE DEUS E O HOMEM

Anderson Rodrigues da Silva ¹
Rodolfo Ferreira da Silva ²

RESUMO

A fé é a mais autêntica escolha que um ser humano pode realizar no exercício de sua liberdade. Com o seu modo revolucionário de enxergar o indivíduo, Kierkegaard proporcionou uma reviravolta no pensamento filosófico de sua época. A sociedade recebia muita influência do idealismo absoluto de Hegel, que através de sua noção de sistema desejava abarcar toda a existência do homem. O que seria impossível, pois se assim acontecesse o indivíduo perderia uma das características mais importantes da existência, a liberdade. A fé, no seu sentido radical, é aprofundada pelo pensador a partir do testemunho do cavaleiro da fé: Abraão. Ela é um “salto”, é uma livre escolha dentre tantas outras a que o indivíduo precisa se submeter. O salto ganha toda esta ênfase precisamente porque ultrapassa a esfera moral, tornando o ato de Abraão cada vez mais difícil. E só pode ser compreendido por meio da fé: sem a fé, Abraão estaria perdido e não passaria de um assassino. Sendo ela também uma escolha, acarreta ao indivíduo um sentimento de angústia que nem mesmo no estágio religioso o homem será capaz de eliminar. Contudo, a fé proporciona ao homem um sentido para a sua existência neste mundo. A fé equivale a aprender a andar mesmo quando não se consegue compreender, consiste em seguir o desafio da existência de mãos dadas com o Criador. Conclui-se, então, que a compreensão de Kierkegaard, longe de ser arcaica e inerte ao seu tempo, é sempre atual e proporciona ao homem a reflexão sobre as escolhas que constantemente precisa realizar em sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Existência. Liberdade. Indivíduo.

1 INTRODUÇÃO

O filósofo dinamarquês *Soren Aabye Kierkegaard* nasceu em Copenhague (Dinamarca) em 05 de maio de 1813, fruto de uma família extremamente religiosa. A sua vida foi intensamente marcada por um rigorismo religioso devido à forte influência recebida de seu pai. A prática de viver a religião deixou grandes marcas na sua infância e juventude, marcas essas que influenciaram diretamente no seu pensamento filosófico.

Para os existencialistas é o próprio indivíduo que dá sentido à sua vida, uma característica desta corrente é a concepção de absurdo, que para eles é a ausência de uma proposta racional,

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (2019), atualmente é graduando em Teologia (Bacharel) pelo Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: andersonrodrigues20151@outlook.com.

² Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (2019), atualmente é graduando em Teologia (Bacharel) pelo Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: rodholfonascimento@gmail.com.

portanto, é cada ser humano que dá significado ao mundo, não existe ideia preconcebida, são as escolhas que marcam a existência do homem, pois ele é livre. No entanto, é preciso ter cuidado com essas escolhas, a fim de que não levem o indivíduo a uma profunda angústia e tristeza, desencadeando no homem um vazio. Conforme o dinamarquês, somente a fé será capaz de preencher essa lacuna.

Com o intuito de despertar a sensibilidade nas pessoas com relação à fé, propõe-se a partir deste artigo uma apresentação conceitual da mesma, não para prová-la como algo irracional, ou afirmá-la como sendo uma ignorância humana, mas ao contrário, perceber a sua influência marcante na vida dos indivíduos, bem como acordar para uma maior curiosidade ao seu respeito. O interesse em pesquisar e estudar esse tema surge do encanto pelo novo modelo de pensar e filosofar que o pensador propõe; diferente de outros pensadores de seu tempo, Kierkegaard quebra o paradigma de sua época inaugurando uma filosofia existencial valorizando a singularidade do indivíduo.

Objetivo desse artigo é descrever, mesmo que de maneira breve e simples o conceito de fé, uma íntima relação entre Deus e o homem. por meio do salto o homem imerge no estágio religioso, que conforme o pensador é onde o homem encontra a plenitude de sua existência.

2 O SALTO NA FÉ

Soren Aabye Kierkegaard, também conhecido como pai do existencialismo, recebeu este título honorífico por ter sido um dos primeiros filósofos a versar sobre a existência. Exausto de uma filosofia tradicional aflita e concentrada em buscar conhecer apenas o universal e absoluto das coisas, sente a urgência de partir para uma reflexão profunda centrada no indivíduo, com a finalidade de destacar a sua concretude e singularidade.

2.1 influências

Michel Pedersen, pai de Kierkegaard depois do falecimento de sua primeira esposa se uniu em laço matrimonial com Anne Sorensdatter, uma de suas criadas, e juntos constituíram uma família de sete filhos, sendo Kierkegaard, o sétimo. Quando ele nasceu, seus pais já contavam

com idade avançada, sua mãe tinha 44 anos e seu pai 56, por isso era considerado como “o filho da velhice” (KIERKEGAARD apud FARAGO, 2011, p.25).

A sua vida não foi nada fácil, passou por momentos melancólicos e de muito tédio, as suas obras refletem as suas próprias experiências pessoais. É um filósofo da subjetividade, e sua vida foi influentemente marcada por uma tríade, o seu pai, que criou o filho dentro de um rigorismo fortíssimo e fanático em que tudo era pecado; o rompimento de seu noivado com Regina, embora o filósofo tivesse por ela um grande amor e apreço e os embates com o luteranismo de sua época que segundo ele fugia dos verdadeiros ideais cristãos, tornando uma igreja de fachada.

2.2 A concretude da existência

A falta de valorização do indivíduo e de sua particularidade impulsionou os pensadores existencialistas a fixarem os olhos diante da existência do homem. Conforme Sartre (2015, p. 18): “A existência precede a essência”, portanto, se Deus não existe, haverá pelo menos um ser existente, e esse ser é o homem, que antes de possuir uma essência que o defina, ele primeiro existe. É a defesa por uma existência que precede a essência o ponto de unidade dos existencialistas sejam eles cristãos ou ateus.

O termo *existência* provém do latim *existentia* que se refere ao estado de existir, porém o termo é abrangente e não compreende toda a totalidade de seu significado; na filosofia e entre os próprios existencialistas a expressão é polissêmica. A partir de Kierkegaard o termo existência toma um novo sentido, são retidas as suas abstrações e vai se assumindo um caráter mais concreto. A existência torna-se inerente ao ser humano, é o seu modo de ser; o homem encontra-se agora em uma relação consigo mesmo e com os outros indivíduos.

A existência é algo que jamais será objeto, é a origem a partir da qual cada um experimenta, pensa e age [...] o homem é o único existente, distinto dos outros entes que só tem uma existência de fato e não sabem quem são. Muito mais, para o homem, sua existência é uma tarefa, uma exigência: a de ter que devir, edificar-se (FARAGO, 2011, p.75).

A possibilidade ao passo que é uma característica da existência, ou seja, faz parte do existir do homem, também possui uma abundância e isso provoca no indivíduo um constante confronto, porém deverá realizar repetidamente escolhas. Nesta multiplicidade de possibilidades tendo sempre que escolher entre uma coisa e outra, o indivíduo experimenta a angústia, pois à medida que deve escolher não terá como saber se sua escolha efetivada foi a melhor diante das alternativas oferecidas. Ao passo que o homem vai realizando suas escolhas, também vai definindo sua singularidade como indivíduo, neste confronto que é diário em meio aos possíveis da vida.

2.3 A angústia como condição de liberdade

Para o dinamarquês, quando o homem começa a tomar decisões adentra-se em um campo minado de incertezas e dúvidas, pois nada pode garantir que suas escolhas serão certas ou erradas, ou se será capaz de permitir que o indivíduo seja feliz ou infeliz. Nesta perspectiva em que o indivíduo se encontra, acaba por produzir um sentimento de vulnerabilidade tomado por uma insegurança.

É na existência concreta como indivíduo que o filósofo identifica o lugar da angústia, ou seja, a partir de suas próprias experiências de vida, é a sua singularidade que proporciona a descoberta das situações que lhe causa angústia. Para a compreensão da interioridade, da relação consigo mesmo, descobrir o eu individual é primordial, no entanto isto provoca o desvelamento da angústia que habita em nós.

Na angústia o homem se sente completamente sozinho, desprovido de toda e qualquer segurança, e por isso se encontra entregue a si mesmo. É preciso enfrentar esta realidade com coragem, o que exige de cada indivíduo a aptidão de sofrer em virtude de tamanho abandono. Só assim será essencialmente livre, pois não há outro caminho que leve a liberdade que não seja a angústia.

Para Kierkegaard o ser humano relaciona-se com um Deus que o transcende, pois sem a presença de Deus a vida não tem sentido; é aí que se revela o paradoxo da existência, em que debruça-se o filósofo, pois a existência será sempre desprovida de perfeição, porque sempre faltará algo que a complete. Somente o contato com as incertezas infinitas faz com que o homem perceba as suas faltas. Mesmo em um mundo apartado de Deus a angústia

continua sendo uma garantia de que o homem não é exclusivamente aquilo que se propõe a ser, mas é sempre mais.

A angústia perde essa sua caracterização assombradora quando o homem atinge a fé, e isso só acontece por meio do “salto da fé” na existência do indivíduo, quando optar pela possibilidade que é a única forma de salvar a vida.

2.4 A radicalidade do “salto na fé”

O conceito de fé será desenvolvido pelo filósofo dinamarquês em sua obra *Temor e Tremor*. O personagem principal é Abraão, o pai da fé como é denominado e conhecido por muitas pessoas, inclusive nas próprias Escrituras. Kierkegaard abordará de modo claro a temática religiosa, expondo a importância do mistério e do salto que é dado com o auxílio da fé na existência do indivíduo. Esta obra pode ser considerada como uma apologia da fé e uma exaltação do estágio religioso com o intuito de demonstrar o valor do salto na experiência do indivíduo.

Deus promete a Abraão e Sara uma descendência numerosa, porém eles já contavam com idade avançada. Sara, surpresa com a promessa extraordinária, encontra-se diante do absurdo de tamanha impossibilidade, mas Abraão ao contrário, vai mais longe e crê na possibilidade do cumprimento da promessa, o que para a razão era um absurdo; ele se mantém firme na esperança de que Deus lhe concederia o filho por ele tão esperado. “Pela fé Abraão obteve a promessa de que todas as nações da terra seriam abençoadas na sua posteridade. Passava o tempo, mantinha-se a possibilidade e Abraão cria. Passou o tempo, tornou-se absurda a esperança, Abraão acreditou” (KIERKEGAARD, 1997, p. 203).

O nascimento de Isaac esperado por tanto tempo não elimina a angústia, a incerteza e o drama sentido por aquele velho pai. A alegria que ele vivenciava era momentânea, mal sabia que continuaria sendo provado. “[...] o Senhor se divertia com Abraão! Eis que depois de ter realizado milagrosamente o absurdo, queria ver sua obra reduzida a nada. Que loucura! Mas Abraão não se riu, como Sara, quando a promessa lhe foi anunciada” (KIERKEGAARD, 1997, p. 205).

O patriarca tem a sua fé literalmente testada quando a pedido de Deus deve sacrificar o filho da promessa, o filho que esperou a vida inteira. O fato de Abraão conduzir Isaac para o

holocausto no monte Moriá é tido como algo imoral para um sacerdote. No entanto, o pai da fé está unido a Deus, e por isso a ética passa a ser totalmente suspensa, pois o ato, anteriormente visto como imoral, passa a ser uma verdadeira prova de desprendimento de si próprio.

A ética está inserida em um paradoxo e o patriarca da fé já não pode ser mais ajudado por critérios racionais, pois caso mate o filho será condenado pela sociedade como um criminoso. Por outro lado, se não obedecer à ordem determinada por Deus irá pecar, manifestando a sua limitação e o desejo pela finitude. Deus busca saber se Abraão terá a coragem de aguentar a dor, os tormentos e a angústia.

Por amor de Deus, como, de maneira absolutamente idêntica, por amor de si mesmo. Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé; e por amor de si mesmo para dar a prova. Esta conformidade encontra o seu termo adequado na frase que sempre tem designado esta situação: é uma prova, uma tentação. Mas que quer dizer uma tentação? Geralmente pretende desviar o homem do dever; mas aqui a tentação é a moral, coisa de impedir Abraão de realizar a vontade de Deus. Que é, então, o dever? A expressão da vontade de Deus (KIERKEGAARD, 1979, p. 245).

A prova não se resume somente ao sacrifício do filho, o pedido de Deus vai além. Abraão deveria realizar como prova de sua fé o holocausto envolvido em completo silêncio, sozinho, sem nenhuma testemunha, auxílio ou conforto. O que passa a ser apresentado pelo filósofo como um protótipo da vivência do estágio religioso, que mesmo assim não deixa de ser revelador e significativo: é impossível não se angustiar.

Dele apenas foi conservada uma única frase, a única resposta dada a Isaac que prova suficientemente que nada dissera anteriormente. Isaac pergunta ao pai onde está o cordeiro para o sacrifício. Abraão responde: Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto (KIERKEGAARD, 1997, p. 298).

Comtempla-se o abandono que o indivíduo experimenta diante de sua existência para demonstrar que a fé e o sacrifício pertencem à esfera inteiramente individual. O pai de Isaac encontra-se em uma relação com o absoluto, totalmente abandonado na solidão. Diante desta situação em que se encontrava Abraão qualquer indivíduo poderia ter tomado outra decisão, optando por diversas possibilidades. É nesta ocasião que o indivíduo experimenta o âmago de sua subjetividade, e sendo sujeito de sua própria vida é ele quem deve escolher e se responsabilizar pelas suas decisões diante de Deus e das situações em que se encontra.

Abraão foi grande porque acreditou no absurdo e ao realizar tudo aquilo que Deus lhe tinha proposto não estava preocupado com a vida futura, mas com a sua existência nesta vida. Mesmo diante de tamanhas provações enfrentadas acreditou no absurdo. Fez tudo conforme a ele foi pedido, caso tivesse agido diferente teria perdido tudo, inclusive a fé. Por isso, a tentativa de explicar logicamente a fé está completamente fadada ao fracasso, “porque a fé começa precisamente onde acaba a razão.” (KIERKEGAARD, 1997, p. 238). A fé exige o salto e sendo assim só pode ser admirada. O contexto bíblico que relata a história de Abraão e de seu filho Isaac é o panorama visível para a compreensão desse salto.

O patriarca é um homem de fé que acredita sem exigir a concretização do seu desejo e vive a angústia de sua escolha. Foi por crer que fez a escolha que fez. Caso tivesse hesitado teria agido de outra forma. A escolha é sempre dolorosa e repleta de sofrimento, mas é a escolha da fé. Em Abraão, a escolha da fé está relacionada à liberdade, precisamente porque sendo uma escolha, o indivíduo não está obrigado a eleger. Ao contrário, consiste em acreditar no absurdo, sem pedir nada em troca.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o seu modo de pensar a existência, Kierkegaard, proporcionou à sociedade de sua época e ainda hoje novos horizontes. Rompendo com os paradigmas essencialistas presentes em sua época, fixa os olhos na existência humana como algo concreto e ao mesmo tempo complexo. O indivíduo vai se definindo a cada escolha que realiza ao longo de sua vida, não podendo fugir dessa realidade. O homem se angustia, pois é preciso escolher até mesmo quando não se deseja escolher nada.

A fé, por sua vez, também, é expressão de liberdade, é uma escolha livre que o homem abraça e por meio dela se relaciona com Deus. Não elimina a angústia da vida, pois não deixa de ter que escolher, mas com seu auxílio o sujeito consegue dá sentido à vida. O “salto na fé” que o indivíduo realiza permite que ele ultrapasse os estádios estético e ético, abrindo ao homem a compreensão da transcendência da vida.

Kierkegaard desenvolve uma filosofia voltada para o homem, em que o indivíduo possa se relacionar melhor consigo mesmo, com o mundo e com Deus. Em tempos de crises como este, em que vive o homem contemporâneo, o pensamento de Kierkegaard com toda a

sua autenticidade aponta caminhos para se enxergar a fé, de forma diferenciada, uma verdade subjetiva correspondente ao indivíduo, não podendo ser enquadrada em nenhum sistema.

Dentre as contribuições relevantes deixadas por Soren Kierkegaard para a filosofia, bem como para os dias atuais, destaca-se o seu incentivo para um maior aprofundamento da consciência; desafia cada indivíduo a buscar uma reflexão mais intensa, seja ela das escolhas pessoais a que cada indivíduo precisa se submeter, ou de sua subjetividade, adesões e crenças. Contra o comodismo e a superficialidade do ser cristão, principalmente nesse tempo de pós-secularização em que se vive uma forte efervescência no campo religioso, acarretando uma diversidade religiosa muito vasta.

O autor em estudo alerta para um cristianismo exigente concreto e não simplesmente doutrinário capaz de se enquadrar em um sistema. Cabe por fim, ressaltar que as abordagens aqui feitas sobre a fé pretenderam ser uma contribuição à filosofia para o desenvolvimento nas pesquisas de Soren Kierkegaard.

REFERÊNCIAS

FARAGO, France. **Comprender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KIERKEGAARD, Soren. **O Diário de um Sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. Traduções Carlo Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (os pensadores, serie II, III e IV). Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/03/KierkegaardCole%C3%A7%C3%A3o-Os-Pensadores-1979.pdf>. Acesso em 23 out. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.